

O SORRISO
ESCONDIDO DE

DEUS

O fruto da aflição
na vida de
John Bunyan,
David Brainerd
e William Cowper

John Piper

Para
George T. Henry† e Pamela C. Henry

Parentes de minha esposa,
companheiros de lutas,
preciosos na vida e na morte.

*Não julgue o Senhor com débil entendimento,
Mas confie nele para sua graça.
Por trás de uma providência carrancuda,
Ele oculta uma face sorridente.*

WILLIAM COWPER

“GOD MOVES IN A MYSTERIOUS WAY”

Prefácio



Os cisnes cantam mais docemente, quando sofrem. Os cisnes que tenho em mente, são John Bunyan (1628-1688), William Cowper (1731-1800) e David Brainerd (1718-1747). Eu os chamo de cisnes porque são vozes grandiosas em favor do cristianismo as quais a morte não tem silenciado.

Quando o incomparável Agostinho, o bispo de Hippo, no norte da África, aposentou-se em 430 d.C., passou suas tarefas ao seu humilde sucessor, Eraclius. Na cerimônia, Eraclius levantou-se para pregar, enquanto o idoso Agostinho sentava-se no seu trono episcopal atrás de Eraclius. Tomado por uma consciência de inadequação na presença de Agostinho, Eraclius disse: “O grilo trila, o cisne está silencioso”.¹ Esta história é a origem do título desta série de livros chamada *Os Cisnes Não estão Silenciosos*. Você está lendo agora o Livro Dois. O primeiro foi chamado *O Legado da Alegria Soberana: A Graça Triunfante de Deus nas Vidas de Agostinho, Lutero e Calvino*.

Prefácio

A referência a cisnes apareceu novamente, mil anos mais tarde. Em 6 de Julho de 1415, João Hus (cujo nome em Tcheco significa “ganso”) foi queimado na estaca, por criticar a venda de indulgências, por parte da Igreja Católica Romana. Pouco antes de sua morte, diz-se que ele escreveu, “Hoje, vocês estão queimando um ganso; entretanto, daqui a cem anos, ouvirão um cisne cantar; vocês não o queimarão, mas terão de ouvi-lo”.² Assim, a linha de “cisnes” continuou até nossos próprios dias – testemunhas fiéis ao evangelho da glória de Cristo, cuja morte não silencia sua canção.

Meu propósito nesta série de livros é ampliar a voz dos cisnes, com o megafone de suas vidas. O apóstolo Paulo convoca a igreja a “tornar atraente, em tudo, o ensino de Deus nosso Salvador” (1Tt 2.10). É isto que os cisnes têm feito, especialmente em seu sofrimento. A sua constância através das provações adoça e intensifica a canção de sua fé. Faz parte de nosso agradável dever cristão preservar e proclamar as histórias dos cisnes cristãos sofredores, histórias que sustentam a fé. A Bíblia exorta a que “não se tornem negligentes, mas imitem aqueles que, por meio da fé e da paciência, herdaram as promessas” (Hb 6.12). “Lembrem-se dos seus líderes, que lhes falaram a palavra de Deus. Atentem para o resultado da vida que tiveram e imitem a sua fé” (Hb 13:7). Mas não podemos imitar ou ser inspirados pelo que não conhecemos. Daí, a série *Os Cisnes Não Estão Silenciosos*.

As três histórias que narro neste livro, foram, originalmente, mensagens biográficas feitas oralmente, na *Conferência Bethlehem para Pastores*. Fui influenciado na escolha destas três histórias para este livro, pela convicção expressa por Benjamin Brook, no prefácio da sua obra de

três volumes, *The Lives of the Puritans*:

De todos os livros que poderiam ser colocados em suas mãos, aqueles que relatam os labores e sofrimentos de homens bons, são os mais interessantes e instrutivos. Neles, você vê princípios ortodoxos, disposições e atitudes cristãs, e deveres santos em bela união e em vigorosa operação. Neles, você percebe religião brilhando na vida real, dominando as corrupções da natureza humana e inspirando zelo por boas obras. Neles, você vê as recriminações e perseguições que os servos de Deus têm suportado; aqueles princípios graciosos que sustentaram suas mentes, e o curso que seguiram em seu progresso, na direção do reino dos céus. Tais livros são muito bem calculados para cativar sua atenção, afetar seus sentimentos, aprofundar suas melhores impressões e revigorar suas resoluções mais nobres. São bem adequados para fortificá-lo contra as seduções de um mundo vão; para assimilar o caráter deles àquele dos excelentes do mundo; para adaptar suas vidas ao padrão de santidade e para educar suas almas para as mansões da glória.³

Estes são meus alvos. E concordo que “os labores e sofrimentos de homens bons são os mais interessantes e instrutivos” para estes grandiosos objetivos. É claro, portanto, que não escrevo como um erudito desinteressado, mas sim como um pastor apaixonadamente interessado – e, espero, honesto e cuidadoso –, cuja missão na vida é difundir

Prefácio

uma paixão pela supremacia de Deus, em todas as coisas, para a alegria de todas as pessoas.

John Bunyan, William Cowper e David Brainerd laboraram e sofreram. E foi através da própria aflição suportada que produziram fruto para o nutrimento do viver cristão radical, culto teocêntrico e missões mundiais que exaltam a Cristo. Como eles sofreram, como suportaram e como produziram fruto é a história que, assim oro a Deus, inspirará em você a mesma vida cristã radical, culto teocêntrico e missões mundiais que exaltam a Cristo.

John Bunyan é mais conhecido como simples pastor batista inglês que, na prisão, escreveu o livro que até hoje “continua como a porção literária individual de maior circulação na história da raça humana, fora a Bíblia”,⁴ *O Peregrino*. É um grande livro sobre como viver a vida cristã. Menos conhecido é o fato de que seus doze anos na prisão foram “voluntários”, no sentido de que um compromisso de não pregar o evangelho de Jesus Cristo ter-lhe-ia obtido a liberdade, a qualquer tempo. Este fato intensifica o efeito de saber que, quando a filha mais velha de Bunyan, Mary – cega de nascença – o visitou na prisão, foi como “arrancar a carne de meus ossos”.⁵ Menos ainda são aqueles que sabem que o pastor aprisionado, sem educação formal alguma, exceto escola de gramática, também escreveu cerca de sessenta livros, a maioria dos quais ainda sendo impressos, 350 anos depois.⁶

William Cowper, para aqueles que, de passagem, tiveram aulas de literatura inglesa do século dezoito, é conhecido como “o poeta de um novo avivamento religioso” liderado por João Wesley e George Whitefield. Sua poesia e cartas mereceram cinquenta páginas na antologia que estudei na

faculdade.⁷ Entre os que o conhecem como um poeta cristão, muitos não sabem que William Cowper viveu com uma depressão severa como companhia constante, toda a sua vida, algumas vezes imobilizado em desespero, e repetidamente tentando o suicídio. Apesar desta escuridão, Cowper hoje continua a tocar os corações de milhares de cristãos de fala inglesa que nada conhecem sobre ele, simplesmente porque, no culto, cantam seus hinos “Há uma fonte cheia de sangue”, “Oh, quem dera andar mais perto de Deus” e “Deus se move por meios misteriosos”.

David Brainerd, provavelmente, não seria conhecido de ninguém, hoje, não fora por Jonathan Edwards, o pastor em New England, Estados Unidos, em cuja casa este jovem missionário aos índios americanos morreu de tuberculose, aos vinte e nove anos de idade. Edwards tomou o diário de Brainerd e o transformou no que é conhecido hoje como *The Life of David Brainerd* (A Vida de David Brainerd),⁸ uma biografia que tem inspirado o serviço missionário, talvez mais que qualquer outro livro, além da Bíblia.⁹ Não havia especialistas para dizerem ao jovem Brainerd, de vinte e dois anos, quando ele começou a cuspir sangue, sendo estudante do segundo ano da universidade de Yale, que ele não era um candidato apropriado para o estresse missionário, em locais desolados. Assim, pelos próximos sete anos, após ser expulso de Yale, ele entregou sua vida para a salvação das tribos de índios “Stockbridge, Delaware e Susquehanna”.¹⁰ Sua história tornou-se um clássico espiritual e “é tão difícil enumerar a grande multidão vista por João, em Patmos, quanto contar aquela multidão – vermelhos, marrons, amarelos e brancos – trazidos ao Reino de Deus, direta ou indiretamente, pelo jovem tuberculoso que se deixava consumir nas regiões

Prefácio

desertas de New York, Pennsylvania e New Jersey, mais de dois séculos atrás”.¹¹

Grande dor acompanha grandes privilégios espirituais. É claro nas Escrituras que este é o desígnio soberano de Deus: “Para impedir que eu me exaltasse por causa da grandeza dessas revelações”, Paulo escreveu em 2Coríntios 12.7, “foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para me atormentar”. Grande privilégio, grande dor, desígnio de Deus. Foi assim com Bunyan, Cowper e Brainerd. Mas eles não tiveram a mesma dor. Para Bunyan, foi prisão e perigo; para Cowper, uma depressão que durou toda sua vida e trevas suicidas; para Brainerd foi a tuberculose e o “deserto uivante”.

Qual foi o fruto desta aflição? E qual foi a rocha na qual ela cresceu? Considere suas histórias e se encoraje com o fato de que nenhum labor ou sofrimento que aconteça em nosso caminho de obediência cristã, será, jamais, em vão.

Reconhecimentos



“Por detrás de uma providência carrancuda, ele esconde uma face sorridente”.

Depois de trinta e dois anos de casamento, ela ainda lê tudo que escrevo. Ela não somente faz isto, melhora o que escrevo. Obrigado, Noël, por ser minha editora caseira.

Justin Taylor tirou um ano extra na Baptist Bethlehem Church, em seu caminho pelo seminário, e trabalhou tempo integral no Desiring God Ministries, ajudando pessoas a raciocinarem através de temas intrincados na Bíblia e em teologia. Obrigado, Justin, por aplicar seu olho de águia a este manuscrito, à medida que emergia; por fazer sugestões úteis e por detectar meus erros.

Aaron Young faz tudo que um assistente leal, capaz e inteligente pode fazer para tornar minha vida administrável. Eu não seria capaz de manter minha cabeça acima das águas, sem sua ajuda. Obrigado, Aaron, por estar lá, fielmente, por detrás do cenário, dando condições, para que muita coisa

acontecesse.

Eu aprecio muito livros com índices que me ajudam a localizar uma citação quase nunca lembrada ou um fato esquecido. É por isto que estou sempre pedindo a ajuda de Carol Steinbach, para tornar cada livro mais útil com suas habilidades de indexação. Obrigado, Carol. Agora você perceberá na minha fisionomia, quando for hora de pedir-lhe de novo.

Como ocorreu com o Livro Um da série *Os Cisnes Não Estão Silenciosos*, estes capítulos foram, originalmente, mensagens proferidas na Conferência Bethlehem para Pastores. É uma das maiores alegrias de minha vida encorajar irmãos no ministério pastoral, retratando a vida de grandes santos, e pressioná-los a que "...atentem para o resultado da vida que tiveram e imitem a sua fé" (Hb 13.7). Estes capítulos não existiriam sem a fome destes pastores em prolongar o esforço. E a Conferência não teria existido sem Jon Bloom, o diretor do Desiring God Ministries, e sua supervisão, cheia de oração, desta Conferência. Obrigado, irmão, por seu apoio.

Lane Dennis, Ted Griffin, Brian Ondracek, Marvin Padgett e toda a equipe da Crossway Books são o vínculo indispensável entre escritor e leitor. Obrigado a todos vocês, por se preocuparem com o canto dos cisnes e por fazer deste projeto um deleite para mim.

Finalmente, devemos agradecer a Deus, nosso Pai, a Jesus Cristo, nosso Senhor, e ao Espírito Santo, que devem ser honrados acima de tudo e em tudo. Deus é sempre suficiente para cada boa obra; ele "não é servido por mãos de homens, como se necessitasse de algo, porque ele mesmo dá a todos a

vida, o fôlego e as demais coisas” (At 17.26). Algumas vezes o seu sorriso está oculto, mas seu braço nunca está encolhido nem sua luz, apagada. No tempo apropriado, as nuvens se dissiparão, a luz retornará e nós somos sustentados. À medida que envelhecemos, aprendemos a confiar nas operações inescrutáveis de seus ventos. Que estes capítulos o fortaleçam a esperar confiantemente pelo Senhor, em épocas de trevas, porque, por trás de uma providência carrancuda, ele esconde uma face sorridente.

Nós também, antes que a tentação venha, pensamos que podemos caminhar sobre o mar, mas quando os ventos sopram, sentimos que começamos a afundar...

E ainda assim, isto não nos traz nenhum bem? Não poderíamos viver sem tais mudanças da mão de Deus sobre nós. Nossa natureza carnal cresceria excessivamente, se não tivéssemos nossos invernos, no tempo apropriado.

Diç-se que em alguns países as árvores crescem, mas não produzem fruto, pois não há inverno ali.

JOHN BUNYAN

SEASONABLE COUNSEL: OR ADVICE TO SUFFERERS

*Eu vi, com os olhos da minha alma,
Jesus Cristo à mão direita de Deus;
Ali, afirmo, estava minha justiça.
Portanto não importa o que eu fui,
o que estivesse fazendo,
Deus não podia dizer de mim,
“falta-lhe a minha justiça”,
Pois isto estava bem diante dele...
Agora as minhas cadeias realmente
caíram de minhas pernas.
Fui liberto de minhas aflições e cadeias.*

JOHN BUNYAN

GRACE ABOUNDING TO THE CHIEF OF SINNERS

Introdução

Onde o Fruto da Aflição Cresce



Três Tipos de Fruto

As aflições de John Bunyan nos deram *O Peregrino*. As aflições de William Cowper nos deram hinos em inglês como “There Is a Fountain Filled with Blood” e “God Moves in a Mysterious Way”. E as aflições de David Brainerd nos deram um *Diário* publicado que tem mobilizado mais missionários que qualquer outra obra semelhante. A fornalha do sofrimento produziu o ouro da direção e inspiração para viver a vida cristã, adorar o Deus cristão e espalhar o evangelho cristão.

Existe uma certa ironia no fruto destas aflições. O confinamento de Bunyan ensinou-lhe o caminho peregrino da liberdade cristã. A doença mental de Cowper produziu música doce da mente para almas atribuladas. A miséria abrasadora do isolamento e da doença de Brainerd explodiu em missões mundiais, além de toda a imaginação. Ironia e desproporção são, ambos, o caminho de Deus. Ele nos mantém desequilibrados, com suas conexões imprevisíveis.

Introdução

Pensamos que sabemos como fazer algo grande, e Deus o faz pequeno. Pensamos que tudo que temos é fraco e pequeno, e Deus o torna grande. A estéril Sara dá a luz ao filho da promessa. Os 300 homens de Gideão derrotam 100 mil midianitas. Uma funda nas mãos de um jovem pastor derruba o gigante. Uma virgem dá à luz o Filho de Deus. Os cinco pães de um rapazinho alimentam milhares. Uma violação da justiça, um expediente político-fisiológico e a tortura criminosa, numa cruz repulsiva, tornaram-se o fundamento da salvação do mundo.

Este é o caminho de Deus – tirar do homem toda vanglória e dar toda glória a Deus. “Irmãos, pensem no que vocês eram, quando foram chamados. Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu as coisas loucas do mundo, para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas do mundo, para envergonhar as fortes. Ele escolheu as coisas insignificantes do mundo, as desprezadas e as que nada são, para reduzir a nada as que são, para que ninguém se vanglorie diante dele... ‘Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor’” (1Co 1.26-29,31).

Não é de estranhar (1Pe 4.12), portanto, que sofrimentos se encaixam no desígnio de Deus por meios tais que, algumas vezes, nos confundem e nos testam ao limite. A própria confusão e teste são partes do desígnio: “Meus irmãos, considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações, pois vocês sabem que a prova da sua fé produz perseverança. E a perseverança deve ter ação completa, a fim de que vocês sejam maduros e íntegros, sem ter falta em coisa alguma” (Tg 1.2-4).

Deus Planeja o Sofrimento para Seus Filhos?

Muitos podem tropeçar diante da palavra *planeja*. Será que o sofrimento é plano de Deus? Podemos falar desta forma? Ou deveríamos, antes, falar que Deus opera com aquilo que lhe é dado? Em outras palavras, Deus supervisiona e administra os negócios deste mundo de tal forma que podemos dizer que o sofrimento é a sua vontade e o seu plano, ou, antes, ele administra o mundo como um jogador de xadrez que não deseja os movimentos de seu oponente, mas pode sempre mantê-los em xeque e transformá-los em bem? Deus planeja o local de sofrimento na vida de seus filhos, visando a um fim bom, ou ele está sempre na posição de alguém que responde à dor que outras forças lhe dão, para que opere com ela?

Todos os cisnes deste livro cantam em uníssono nesta questão. Deus governa o mundo e tudo que acontece nele, com propósito e desígnio, para o bem dos que o amam. Esta foi a lição final que Jó aprendeu com todo o seu sofrimento: “Então Jó respondeu ao Senhor: ‘Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos teus planos pode ser frustrado’ (Jó 42.1-2). Satanás pode desempenhar seu papel ímpio no drama e tirar os filhos de Jó e feri-lo de tumores malignos, da planta dos pés ao alto da cabeça, mas Jó não dará a Satanás a eminência da causalidade última. Esta pertence somente a Deus, mesmo que não possamos compreendê-la completamente. Quando os dez filhos de Jó morreram esmagados, ele “prostrou-se, rosto em terra, em adoração, e disse: ‘Saí nu do ventre de minha mãe, e nu partirei. O Senhor o deu, o Senhor o levou; louvado seja o nome do Senhor’” (Jó 1.20-21). O autor do livro responde a esta impressionante confissão de Jó, que Deus havia levado seus filhos, com a

confirmação “Em tudo isto Jó não pecou e não culpou a Deus de coisa alguma” (Jó 1.22). Da mesma forma, mesmo quando o texto diz explicitamente que “*Satanás* ... afligiu Jó com feridas terríveis”, a reação de Jó foi, “Aceitaremos o bem dado por Deus, e não o mal?” E mais uma vez o autor endossa a teologia de Jó com estas palavras, “em tudo isto Jó não pecou com seus lábios” (Jó 2.7,10).

Esta é a mensagem uniforme da Bíblia, quer estejamos falando sobre sofrimento proveniente de doenças¹² ou calamidade,¹³ quer proveniente de perseguição:¹⁴ “[Deus] faz todas as coisas segundo o propósito da sua vontade” (Ef 1.11). Deus tem um propósito bom e sábio em tudo que acontece.¹⁵ De manhã até a noite, sobre todas as idas e vindas de nossa vida, deveríamos dizer, “Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo” (Tg 4.15). Por quê? Porque Deus tem dito, “Meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada” (Is 46.10). “Muitos são os planos no coração do homem, mas o que prevalece é o propósito do Senhor” (Pv 19.21). “Em seu coração o homem planeja o seu caminho, mas o Senhor determina os seus passos” (Pv 16.9). “Não se vendem dois pardais por uma moedinha? Contudo, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do Pai de vocês” (Mt 10.29). “O coração do rei é como um rio controlado pelo Senhor; ele o dirige para onde quer” (Pv 21.1). “A sorte é lançada no colo, mas a decisão vem do Senhor” (Pv 16.33).

Vozes Opostas

Entretanto, há os que não aceitam o conceito desta forma. Há liberais antiquados que dizem, “Creio que dor e sofrimento nunca são a vontade de Deus para seus filhos... Não posso conceber que seja a vontade de Deus que alguém seja atropelado por um motorista bêbado, ou que uma jovem

John Piper é pastor titular da Bethlehem Baptist Church desde 1980. Tem escrito numerosos livros que chamam os leitores a difundir a paixão pela supremacia de Deus, em todas as coisas, para a alegria de todas as pessoas.

Entre as suas obras mais populares está o livro *Teologia da Alegria* também da **Shedd Publicações**.



John Bunyan

Ficou preso por doze anos, mesmo quando a simples promessa de parar de pregar o Evangelho ter-lhe-ia assegurado a liberdade. Mas a confiança inabalável de Bunyan de que Deus determinou cada provação, não lhe permitia abater-se e levou-o a depender ainda mais “daquele que é invisível”.



David Brainerd

Tão grande era o desejo de Brainerd de honrar a Deus que ele clamou cheio de gozo, “Oh! Como eu desejo mais santidade! Oh, mais de Deus em minha alma! Oh, esta dor agradável! Ela faz minha alma buscar diligentemente a Deus”. Através da solidão de seu ministério no ermo e da agonia da tuberculose, ele foi em frente, transformando para sempre as missões mundiais.



William Cowper

Mesmo quando o seu próprio céu estava cheio de nuvens de terror, a poesia de Cowper era um reflexo do caráter sustentador de Deus – música para a mente, que lhe permitiu suportar e adorar ainda mais profundamente.

ISBN 85-88315-13-0



9 788588 315136

Shedd
publicações